



Eixo 1 – Não deixar ninguém para trás

Bibliotecas comunitárias LGBTQIAPN+: histórias, sentidos e apropriações

Community library for LGBTQ+: history, meaning and use

Victor Soares Rosa – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)
– victor.soares.rosa@gmail.com

Resumo: Trata de bibliotecas comunitárias que focam os seus serviços para pessoas LGBTQIAPN+. Busca apresentar as histórias, os contextos, os objetivos e as práticas dessas bibliotecas. Fundamenta-se em uma articulação entre os sentidos das bibliotecas comunitárias, a história do movimento LGBTQIAPN+ e a importância da representação dessas pessoas nas bibliotecas. A partir de pesquisa documental, identifica que essas bibliotecas partem de iniciativas da sociedade civil e que buscam a inclusão, a cidadania e a representação dessas pessoas que foram historicamente marginalizadas. Conclui que essas bibliotecas constituem mais um esforço por justiça social e informacional, pretendendo direito ao lazer, à educação, à leitura e à cultura.

Palavras-chave: Bibliotecas comunitárias. Pessoas LGBTQIAPN+. Justiça informacional. Direitos humanos.

Abstract: This study is about community libraries that focus their services on LGBTQIAPN+ individuals. It aims to present the histories, contexts, objectives, and practices of these libraries. It is based on an articulation between the meanings of community libraries, the history of the LGBTQIAPN+ movement, and the importance of the representation of these individuals in libraries. Through documentary research, it identifies that these libraries originate from civil society initiatives and seek the inclusion, citizenship, and representation of these historically marginalized people. It concludes that these libraries represent yet another effort towards social and informational justice, aiming to guarantee the right to leisure, education, reading, and culture.

Keywords: Community libraries. LGBTQIAPN+ individuals. Informational justice. Human rights.



1 INTRODUÇÃO

Em certo momento de minha etapa formativa, ao realizar pesquisa sobre bibliotecas públicas, acervos e pessoas LGBTQIAPN+, deparei-me com uma notícia que contrastava duas situações. A notícia ‘LGBT: No Rio, livros são censurados, no DF funciona biblioteca especializada’, por um lado, denunciava a censura de Marcelo Crivella, prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 2017 e 2020, que tentara recolher uma história em quadrinhos, ‘Vingadores: a cruzada das crianças’, da Bienal Internacional do Livro de 2019 por apresentar dois personagens homens se beijando. Por outro, destacava a existência de uma biblioteca chamada na notícia ora de especializada, ora de comunitária, a saber: o Ateliê de Leitura e Escrita Cassandra Rios. (Sant’Anna, 2019).

Naquele momento, desviei a minha atenção da investigação que realizava e operei buscas tendo os seguintes temas como preocupação: a própria Biblioteca Cassandra Rios e, também, de modo geral, bibliotecas comunitárias LGBTQIAPN+. Em função dessa nova pesquisa, chegaram-me os nomes de outros espaços, quais sejam: o da Biblioteca Comunitária LGBTQIA+ A Arte de Amar, no Ceará, e o da Biblioteca Comunitária Caio Fernando Abreu, da Casa 1, em São Paulo. Imediatamente, direcionei minhas preocupações aos estudos nas literaturas técnicas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação para tal tema e percebi que não havia textos que tratassem especificamente do assunto bibliotecas comunitárias LGBTQIAPN+.

Neste texto, objetiva-se precisamente identificar bibliotecas comunitárias cujas missões e cujos serviços sejam direcionados, de modo privilegiado, para pessoas LGBTQIAPN+, sigla que representa pessoas lésbicas, *gays*, bissexuais, transeñeras, transexuais, travestis, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binárias, entre outras orientações sexuais e identidades de gênero não contempladas ou ainda não nomeadas. Pretende-se, a bem da verdade, não apenas identificar essas bibliotecas, mas apresentar suas histórias, suas missões e seus serviços, bem como refletir sobre os seus sentidos e as suas apropriações. Considera-se que está aí a contribuição deste estudo no sentido de indicar a existência desses espaços e a sua práxis de modo sistematizado.



Justifica-se assim que este trabalho busca evidenciar um espaço cuja existência é fundamental no que toca, por um lado, ao direito à cultura, à leitura, à informação, à inclusão e à cidadania e que, por outro lado, a própria existência revela a ausência do Estado em diversas situações de desigualdade social, exclusão cultural, educacional e informacional (Machado, 2008; 2009; Prado, 2010; Prado; Prado, 2018). Não obstante, intenciona-se ainda contribuir para a ampliação de um objeto de pesquisa cuja existência e produção, no âmbito da produção científica “[...] nem a Ciência da Informação nem tampouco a Biblioteconomia e as políticas públicas têm dado a devida importância [...]” (Prado; Machado, 2008, p. 3). Por fim, este trabalho também trata de outro tema que foi historicamente invisibilizado na academia: pessoas LGBTQIAPN+. Conforme Quinalha (2023), o movimento LGBT, de modo organizado e institucionalizado, luta há décadas por direitos, buscando exaltar a existência da comunidade e conquistar espaços e posições que lhe foram historicamente negados.

Desta feita, para desenvolver a proposta, na sequência desta introdução, indico brevemente os procedimentos adotados para a realização deste trabalho. Em seguida, apresento algumas articulações entre bibliotecas comunitárias e pessoas LGBTQIAPN+ com base não apenas em literatura técnica e científica, mas também com base em legislação e notícias de veículos da mídia. Concomitantemente, elaboro a articulação entre a fundamentação e os resultados e as discussões, momento no qual busco indicar as histórias, os sentidos e as apropriações que conformam tais espaços. Encerro o texto com as considerações finais.

2 METODOLOGIA

Este estudo é qualitativo, descritivo e documental. Justifica-se a caracterização desta pesquisa como qualitativa tendo em vista que a sua preocupação não está em mensurar um fenômeno, mas compreendê-lo em seus sentidos e valores. Conforme Minayo (2016), a abordagem qualitativa se insere precisamente nesse universo das crenças, das atitudes e dos valores que circunscrevem os fenômenos. Neste caso, isso se dá no âmbito das histórias, das missões e das apropriações de bibliotecas comunitárias com foco em um grupo específico: pessoas LGBTQIAPN+.



Caracteriza-se, ademais, como descritiva porque busca identificar e descrever bibliotecas comunitárias reais que focam exclusivamente nas pessoas supracitadas. Conforme Oliveira (2016), busca-se compreender possíveis relações do fenômeno com aspectos sociais, políticos ou econômicos. A percepção sobre o objeto e as causas do aparecimento dos fenômenos também se aplica à essa abordagem (Oliveira, 2016).

Esta investigação também se apropria do método da pesquisa documental. Neste que consiste em um primeiro exercício teórico-metodológico de aproximação ao tema, essa técnica se apresentou como profícua para dar conta dos objetivos propostos. A pesquisa documental, Oliveira (2016) explica, é aquela que considera determinada sorte de materiais como fontes primárias, isto é, documentos que não passaram por tratamento científico, que veiculam os dados originais que levam ao objeto. Essas fontes podem ser múltiplas – filmes, legislação, cartas, fotografias, relatórios, notícias.

Para isso, o primeiro procedimento foi a busca, ao longo da primeira semana de maio deste ano de 2026, no próprio motor Google pela Biblioteca Cassandra Rios. Constatou-se já aí a dificuldade do mapeamento de informações sobre bibliotecas comunitárias. Percebeu-se logo que o nome oficial do espaço era Ateliê de Leitura e Escrita Cassandra Rios. O mesmo não possui sítio eletrônico. Foi a partir desse processo de busca cuidadosa por informações que operou-se a pesquisa documental e que ela foi definida como o método. Foram localizadas pouquíssimas informações sobre a biblioteca supracitada.

De modo a ampliar o *corpus* incipiente que até ali estava formado, procedeu-se nova busca, pelo termo ‘biblioteca comunitária LGBT’, considerando-se que número maior de resultados seriam recuperados com a sigla desse modo. Descobriu-se ali novas bibliotecas identificadas como comunitárias, quais sejam: a Biblioteca Comunitária A Arte de Amar, no estado do Ceará, e a Biblioteca Comunitária Caio Fernando Abreu, da Casa 1, no estado de São Paulo. Para essas novas bibliotecas conhecidas, novas buscas foram realizadas de modo a se formar o campo de análise. No entanto, em função dos limites de extensão desse texto, não foi possível apresentar os dados dessas duas outras bibliotecas. Foi possível, então, estabelecer algumas informações que permitiram delinear histórias, sentidos e apropriações dessas três bibliotecas comunitárias.



3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A biblioteca comunitária Ateliê de Leitura e Escrita Cassandra Rios, do Instituto de Cultura, Arte e Memória LGBT, no Distrito Federal constitui o campo dessa análise. Operou-se buscas com o nome específico dessa biblioteca em bases de dados científicas e também em motores de busca de tal modo a gerar um corpus que desse conta de não apenas indicar a sua existência, mas, principalmente, de buscar ações que realiza.

Pouco foi localizado sobre a biblioteca do Distrito Federal. O Instituto de Cultura, Arte e Memória LGBT foi inaugurado em dezembro de 2016. Desde a fundação do instituto, havia o interesse de abrir uma biblioteca comunitária: “[...] O local terá uma biblioteca especializada, salas para cursos e eventos culturais [...]” (Damasceno, 2017). Usualmente, conforme Machado (2009), Prado (2010) e Prado e Prado (2018), a biblioteca comunitária é mais prevalente em periferias. No caso de Brasília, “Com o seu lançamento para a comunidade [...] os organizadores expuseram o plano de instituir um lugar no centro de Brasília – de onde tradicionalmente os LGBTs são expulsos, apesar da resistência –, como forma de ocupar os espaços [...]” (Damasceno, 2017).

Ainda,

Um dos principais focos do trabalho [...] é a batalha contra o apagamento da memória da nossa comunidade. Uma forma de nos lembrar que, assim como nós agora, outros também produziram produtos culturais que falavam de orientação sexual e de gênero – um debate que, para muitos, teria nascido há pouco tempo. (Damasceno, 2017).

É interessante notar que a notícia de Sant’Anna (2019) sobre esse equipamento público chama a biblioteca ora de comunitária, ora de especializada. Ressalta-se que a biblioteca de Brasília consiste indubitavelmente em uma biblioteca comunitária haja vista compreender as características mais básicas desse espaço. Entre essas características, conforme Machado (2009, p. 89), “[...] a forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural [...]” ou, ainda, “[...] a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social [...]”, além do “[...] fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação [...]”. Nesse sentido, em que pese a



coleção privilegiar pessoas LGBTQIAPN+, o Ateliê de Leitura e Escrita Cassandra Rios consiste, notadamente, em uma biblioteca comunitária. Em outros documentos consultados, verifica-se que essa é a denominação que se aplica, por exemplo:

O Instituto LGBT+, por meio do seu Ateliê de leitura e escrita "Cassandra Rios", convida para o curso "Dramaturgia gay" com o jornalista, escritor, autor, diretor e ator teatral Alexandre Ribondi. O curso integra o programa de mediação de leitura e escrita do Instituto LGBT+. **O Ateliê de Leitura e Escrita "Cassandra Rios" é uma biblioteca comunitária LGBT+** construída com o apoio institucional do Itaú, Mais Diversidade e da Casa de Cultura da América Latina (CAL/UnB). (Dramaturgia..., [202?]).

A citação acima também é interessante por indicar que essa biblioteca é um espaço educacional na medida em que oferece cursos para as suas pessoas leitoras.

Destaca-se, além disso, conforme 'Plano de trabalho de termo de fomento ou acordo de cooperação' localizado, nas buscas, que a biblioteca comunitária conseguiu formar um acervo de pelo menos 850 livros (Plano..., [202?]). Ressalta-se a partir da notícia de Damasceno (2017) que a maior parte do que se pretendia adquirir para o Instituto de Cultura, Arte e Memória LGBT seria conquistado a partir de doações de instituições ou pessoas.

Sublinha-se dessa biblioteca, por fim, que ela consiste em um espaço aberto ao público e que produz o sentimento de pertencimento nas pessoas usuárias.

'A biblioteca do Instituto permite a gente acessar a livros que estariam escondidos em outras bibliotecas. É um lugar que conseguimos no ver', diz Daniel de Jesus, estudante de 22 anos e frequentador da biblioteca. A pequena biblioteca é de livre frequência e recebe não só LGBT+, mas seus familiares, além de professores e pesquisadores interessados na temática. (Sant'Anna, 2019).

O trecho é ilustrativo daquilo que Machado (2008) defende: que a biblioteca comunitária consiste em uma prática social no Brasil. Trata-se de um espaço de valorização da identidade e de educação não-formal, um "[...] espaço de negociação, de apropriação e de resgate da identidade [...]" (Machado, 2008, p. 158). Os sentidos da leitura nesse equipamento social, aliás, são múltiplos. Ainda, conforme Prado e Machado (2008), a biblioteca comunitária se conforma como um território de memória, situação que se verifica no dizer supracitado de que o instituto em que se encontra quer romper com o apagamento da memória, não obstante com a fala do leitor Daniel de Jesus de que esses livros estariam escondidos em outras bibliotecas.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, buscou-se identificar bibliotecas comunitárias voltadas especificamente para as pessoas LGBTQIAPN+. Para isso, realizou-se uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa, de modo a indicar histórias, contextos, ações e apropriações desses espaços no âmbito da comunidade. Aqui, brevemente, foi apresentada a biblioteca comunitária Ateliê de Leitura e Escrita Cassandra Rios, do Instituto de Cultura, Arte e Memória LGBT, no Distrito Federal. Trata-se de uma iniciativa da sociedade civil planejada para ser um espaço de preservação da memória LGBTQIAPN+.

Outras duas bibliotecas comunitárias voltadas para as pessoas LGBTQIAPN+ serão contempladas em trabalhos futuros, quando for possível expandir este resumo, quais sejam: a Biblioteca Comunitária A Arte de Amar, no estado do Ceará e a Biblioteca Comunitária Caio Fernando Abreu, da Casa 1, no estado de São Paulo. Percebe-se que essas bibliotecas materializam as situações de dificuldade apresentadas na literatura: não tem informações disponíveis de modo organizado, sem sítios eletrônicos ativos, por exemplo. As informações estão dispersas em diferentes fontes, por isso a aplicação da pesquisa documental se revela como um método profícuo para um exercício inicial de mapeamento das suas histórias e dos seus sentidos. Enfim, em produção futura, pretende-se cotejar esses três espaços como exemplos de bibliotecas comunitárias que buscam a inclusão e a representação de pessoas LGBTQIAPN+.

Identificou-se que esses equipamentos públicos buscam romper com a invisibilização e a marginalização operadas pelo poder público para com essas pessoas. Os seus acervos buscam ser representativos. Os seus serviços intencionam acolher e incluir. Entre as ações realizadas, algumas se caracterizam como educacionais. Nesse breve exercício de compreensão desse fenômeno, constata-se, enfim, que essas bibliotecas partem de iniciativas da sociedade civil e buscam a inclusão, a cidadania, a dignidade, a emancipação e a representação dessas pessoas que foram historicamente marginalizadas e oprimidas, não obstante assinadas. Notadamente, as bibliotecas comunitárias, nesse plano, constituem mais um esforço por justiça social e informacional, pretendendo direito ao lazer, à educação, à leitura e à cultura.



REFERÊNCIAS

DAMASCENO, Ítalo. Instituto Cultura Arte e Memória LGBT é lançado em Brasília: a instituição se baseia no tripé pesquisa, acervo e difusão da cultura produzida pela comunidade. **Metrópoles**, Brasília, DF, 2017. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/vozes-lgbt/instituto-cultura-arte-e-memoria-lgbt-e-lancado-em-brasilia>. Acesso em: 16 maio 2026.

DRAMATURGIA Gay. [S. l.: s. n., 202-?]. Disponível em:

<https://doity.com.br/dramaturgia-gay-com-alexandre-ribondi>. Acesso em: 16 maio 2026.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**.

2008. 211 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/publico/Tese.pdf>. Acesso em: 16 maio 2026.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do concept de biblioteca comunitária. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976/2097>.

Acesso em: 16 maio 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 9-28.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. rev. atual.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PLANO de trabalho de termo de fomento ou acordo de cooperação. [S. l.: s. n., 2019?].

Disponível em: <https://www.cultura.df.gov.br/documents/5027883/38499041/Plano-de-Trabalho-N%25C2%25BA-118-2019.pdf>. Acesso em: 16 maio 2026.

PRADO, Geraldo Moreira. A biblioteca comunitária como agente de inclusão / integração do cidadão na sociedade da informação. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 3, n. 2, p. 143-149, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/101144>. Acesso em: 16 maio 2026.

PRADO, Geraldo Moreira; MACHADO, Elisa Campos. Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/179342>. Acesso em: 16 maio 2026.

PRADO, Geraldo Moreira; PRADO, José Arivaldo Moreira. Da ordem presente à razão futura da biblioteca comunitária no Brasil. **Revista Cajueiro**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 45-86,



nov. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Cajueiro/article/view/10484/8178>.
Acesso em: 16 maio 2026.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SANT'ANNA, Chico. LGBT: No Rio, livros são censurados, no DF funciona biblioteca especializada. **Chico Sant'Anna**, Brasília, DF, 8 set. 2019. Disponível em:
<https://chicosantanna.wordpress.com/2019/09/08/lgbt-no-rio-livros-sao-censurados-no-df-funciona-biblioteca-specialized/>. Acesso em: 16 maio 2026.

